

A GINÁSTICA FORMA FUTUROS TÉCNICOS DE OURO



A Ginástica Olímpica brasileira vive hoje um dos melhores momentos da sua história. A realização de uma das etapas da Copa do Mundo de Ginástica Olímpica no Rio de Janeiro, nos dias 2 a 4 de abril, e o excelente desempenho dos nossos atletas nas competições no Brasil e exterior são provas disto. O Sistema CONFEF/CREFs cumprimenta a direção da Confederação, as Federações de Ginástica, os treinadores, os atletas, os Profissionais de Educação Física e, particularmente, a Presidenta da Confederação, Prof. Vicélia Ângela Florenzano (CREF 001454-G/PR), pela vanguarda da exigência de que somente treinadores registrados no Sistema possam dirigir equipes de Ginástica Olímpica.

Confederação Brasileira de Ginástica

A Confederação Brasileira de Ginástica foi criada em 25 de novembro de 1978 e seu primeiro Presidente foi o Dr. Siegfried Fischer. Desde então, o crescimento da ginástica em nosso país se concretiza a cada ano. A Confederação tem um histórico em dirigentes formados em Educação Física: Fernando Brochado, de SP; em seguida Mário Padim, de MG; e desde 1991 a entidade é presidida por Vicélia Ângela Florenzano.

Ginástica e Educação Física de mãos dadas

Desde que assumiu a Presidência da Confederação Brasileira de Ginástica, a Prof. Vicélia Ângela Florenzano dedica-se integralmente para que este desporto alcance um futuro cada vez mais promissor em nosso país. Por iniciativa dela, o regulamento da CBG hoje exige que todo treinador de Ginástica esteja registrado no Sistema CONFEF/CREFs. Segundo ela, os resultados de um planejamento iniciado em 1995 vêm sendo amplamente atingidos.

Modalidades vinculadas a Confederação:

Ginástica Geral - Não é uma modalidade Olímpica, mas uma apresentação de massa. Não visa resultados. Reúne cerca de 30 mil participantes na Ginastrada, de quatro em quatro anos. Iniciamos a participação na Ginastrada em 1988. É uma atividade de puro prazer.

Ginástica Aeróbica - Não faz parte do programa Olímpico.

Trampolim - Modalidade Olímpica. No Brasil é mais conhecida como cama elástica.

Ginástica Rítmica.

Ginástica Olímpica masculina.

Ginástica Olímpica feminina.

Ginástica Acrobática - Modalidade não olímpica incipiente no Brasil.



Estivemos com a Prof. Vicélia para uma conversa a respeito da situação atual da modalidade e sobre a exigência da Confederação, determinando que os técnicos de ginástica sejam registrados no Sistema CONFEF/CREFs.

Os resultados que a Ginástica Olímpica brasileira vem alcançando são uma surpresa?

Fizemos um planejamento há alguns anos e sabíamos que os resultados viriam, mas não tão rapidamente. O planejamento foi feito em 1995 e colocamos em prática em 1997. Conseguimos fazê-lo porque o Dr. Carlos Arthur Nuzman, Presidente do Comitê Olímpico Brasileiro (COB), acreditou na gente. Foi ele quem nos ajudou a implantar o Centro de Treinamento e na importação de treinadores ucranianos. Sabíamos que precisávamos de um impulso dos centros reconhecidos e foi o que fizemos. Não por demérito aos nossos treinadores, mas somos muito jovens em Ginástica Olímpica, contra séculos de experiência dos europeus. Precisávamos aprender com essa tradição. Sendo assim, a Confederação importou conhecimentos.

O Brasil não possuía uma “escola” de Ginástica Olímpica, daí a dificuldade de obtenção de resultados destacados em competições internacionais, mormente em campeonatos mundiais e Olimpíadas. A partir de 1997, a Confederação partiu para um projeto arrojado, trazendo a treinadora Irina Ilyshenko (1999) e em seguida o técnico Oleg Oscanpko (2001). Implantamos o Centro de Treinamento onde pudemos concentrar boa parte dos atletas brasileiros em potencial e com treinamento intensivo e acompanhamento de treinadores brasileiros com interação e início da adoção de uma “escola” para a Ginástica Olímpica.

Evidentemente nosso projeto apontava para melhoria da posição do Brasil no ranking mundial. Os resultados alcançados pela Ginástica Olímpica nos últimos tempos eram

esperados. Mas ter uma campeã mundial como Daiane dos Santos parecia uma realidade ainda distante.

Qual a fórmula para esse êxito?

Fico muito feliz com o êxito que estamos obtendo e divido tudo isso com a equipe maravilhosa que me acompanha. Temos uma excelente equipe, formada por meus ex-alunos. Durante 26 anos trabalhei na Universidade Federal do Paraná, ministrando aulas de Ginástica Olímpica, apesar de ter praticado natação. Tendo assumido a Confederação, alunos da Universidade foram chegando e ficando. Portanto, na equipe são todos ex-alunos que foram se agregando. É preciso ter uma grande equipe para ter grandes sonhos e grandes projetos. Toda essa evolução e início de condições foi possível graças ao amor e dedicação desta equipe, que sempre esteve ao meu lado, apoiando e incentivando nessa empreitada. Sabendo sobre a importância do conhecimento científico, pedagógico e teórico para o trabalho de bons treinadores, sempre incentivamos que eles fossem formados em curso de Educação Física.

O que motivou a Confederação Brasileira de Ginástica a exigir treinadores Profissionais de Educação Física?

A Confederação sempre primou pela qualidade. Assim que o Conselho foi regulamentado inserimos no nosso regulamento a exigência. Tivemos alguns problemas no início, como todo processo evolutivo e mudanças revolucionárias. Aproximadamente dois anos de lutas acirradas, principalmente em razão de clubes que possuíam treinadores contratados sem a formação

acadêmica. Havia pais que eram treinadores. Durante dois anos foram embates e sensibilizações. Tomei a atitude primeiramente porque sempre acreditei na necessidade do Conselho Profissional, que nossa profissão é exatamente igual a qualquer profissão. Portanto, precisa que o exercício profissional seja fiscalizado. Nunca aceitei e nunca vou aceitar que a sociedade e os atletas não tenham a necessidade de ser condignamente atendidos por Profissionais de Educação Física registrados. Eu sempre acreditei nisso e tinha que implantar na entidade que dirigia. E confesso que, mesmo com os dois anos iniciais de desgastes, não me arrependo. Pois, em seguida, foi percebida a grandeza de minha coragem e decisão.

Sabemos que, hoje, o ensino superior sofre com o descrédito, em razão da desqualificação de alguns e do fraco processo de formação de outros. Cada um de nós, dirigentes esportivos, tem que fazer a sua parte para garantir que os atletas sejam treinados, orientados e dirigidos por Profissionais de Educação Física. É uma questão moral para com os praticantes e uma abertura de mercado para os formados. Conheço muitos ex-alunos que tinham potencial como Profissionais de Educação Física, mas deixaram a carreira, pois eram preteridos por outras pessoas não formadas que aceitavam trabalhar por salários irrisórios. São compromissos éticos que devemos abraçar. Tínhamos que começar e me sinto muito feliz por estar participando dessa construção. Resgatamos o mercado de trabalho, oferecendo qualidade profissional à sociedade.

Com a promulgação da Lei 9.696/98 tudo ficou mais fácil. Pudemos adotar como norma, seguindo os preceitos legais, a obrigatoriedade dos treinadores terem como formação básica e essencial o curso superior de Educação Física. Sentimos a cada ano que passa a melhora da qualidade do trabalho profissional.

Quais as contribuições que essa decisão trouxe para a modalidade no Brasil?

Acho que melhorou muito o nível técnico de todos os envolvidos. Primeiro porque os treinadores estão tendo outro gabarito. Os que estavam e queriam continuar foram buscar a Educação Física e os outros deixaram de ser treinadores. Ser bom ou até ótimo atleta não significa que você vai ser um bom treinador. Também ser formado em Educação Física não significa que necessariamente será um bom treinador. Mas o fato é que você precisa dessa formação básica que a Educação Física lhe dá. Isso é indiscutível. A especialização vem depois.

Pelo que pude perceber, ao longo de entrevistas que fiz, os atletas estão maduros, seguros de si, firmes e decididos em seus propósitos, fator que o esporte propicia quando bem orientado. Daí, mais uma razão para exigirmos Profissionais de Educação Física.

O que deve ser feito para manter a Ginástica Olímpica em voga?

Priorizar o trabalho de conscientização esportiva nas Escolas de nível básico. Sonho com o projeto caminhão itinerante, que pode contribuir muito para difusão da Ginástica Olímpica. Atuei durante muitos anos em escola pública e naquela época as aulas eram objetivas, tinham uma finalidade. Acho que era o caminho correto. Na minha ótica, infelizmente depois a Educação Física se perdeu. Entendo que ela estava buscando melhor espaço, porque estava virando muita teorização e acabou perdendo espaço e tempo precioso. Mas parece que agora está sendo redescoberta e encontrando o seu rumo. Lembro-me de que os professores se reuniam e cada um apresentava suas características, compartilhando planejamento integrado. A carga horária na escola era de 24 horas. Ministrava-se 16 da





disciplina curricular e as outras 8 horas podia-se oferecer Ginástica Olímpica. As crianças optavam por, no fim da tarde, permanecer mais uma hora praticando esporte na escola. Se tivessem seguido esse caminho, tenho a impressão de que, hoje, estaríamos numa situação diferente.

O meu caminhão itinerante é justamente isso. Oportunizar que os alunos vivenciem a Ginástica Olímpica, porque não precisamos desses aparelhos caros e sofisticados que se vê na Confederação. Isso é para o alto rendimento. Para começar, a Ginástica Olímpica não precisa nada disso. A técnica Irina Ilyshenko está escrevendo um livro, demonstrando o aprendizado simplificado da Ginástica Olímpica. O caminhão é itinerante para sair do eixo Sul/Sudeste. Queremos ir ao Centro-Oeste, Nordeste, Norte levando a motivação.

Como estão os patrocinadores agora que a Ginástica é ouro?

Ainda não há resultados efetivos para a Confederação. Para os atletas melhorou bastante, mas a Confederação sobrevive da Lei Piva e do repasse de recursos Públicos. O principal meio de nossa sobrevivência vem dos parceiros. Por exemplo, a Faculdade Dom Bosco, que oferece bolsa de estudos para nossos atletas em qualquer área. Também contamos com o Hospital Vita, que nos apóia em todas as nossas necessidades relacionadas a problemas de doença ou acidentes.

A Confederação incentiva os atletas a estudar?

Sim. Nossa responsabilidade e a minha em particular, por ser Profissional de Educação Física, é administrar pensando também no atleta

enquanto pessoa, enquanto futuro cidadão. É dar condições de treinar e obter seus melhores resultados, sua melhor performance e, ao mesmo tempo, alertar para quando encerrar o período curto de vida ativa de atleta. Por isso incentivamos os atletas a estudarem. Por isso construímos a parceria com a Faculdade Dom Bosco, oferecendo a possibilidade de uma formação paralelamente ao treinamento.

Vários atletas estão cursando Educação Física. Como a Sra. vê isso?

Fico muito feliz, pois quanto mais pessoas estiverem se preparando para intervir profissionalmente na área melhor será o atendimento e maior o desenvolvimento da Ginástica Olímpica. Claro que muitos poderão não seguir a especialização da Ginástica Olímpica, mas alguns o farão e até mesmo serão futuros gestores. Isto me dá a esperança de que a Confederação estará em boas mãos. Estamos formando atletas e seres humanos. A Daiane dos Santos despontar como profissional que deseja atender crianças com necessidades especiais é uma atitude notável. Ela, uma atleta de ouro, que poderia ser treinadora de ginástica de qualquer clube, porque teria as portas abertas devido á sua projeção como atleta, demonstra este interesse em ajudar tais crianças. Isso é especial e me dá muito orgulho.

Como você se vê hoje?

Realizada, feliz e com a consciência do dever cumprido. Perceber esses atletas com valores morais, sociais e pessoais firmes e consolidados me dá a convicção de que são pessoas preparadas para o futuro. Além disso, percebo que os Profissionais de Educação Física atuantes como treinadores no Centro estão crescendo e formatando uma identidade para a Ginástica

Olímpica brasileira. Também assistir aos atletas se formando em Educação Física com interesses dos mais diversos, inclusive o de dirigir a Confederação, me dá a convicção de que trilhamos o caminho certo. Tudo mostra que adotamos a estratégia correta e que esses futuros profissionais, com a vivência prática acoplada aos conhecimentos científicos, pedagógicos e éticos profissionais, terão melhores condições de oferecer à sociedade trabalho de qualidade. Sinto-me realizada enquanto Profissional de Educação Física por tudo que tive oportunidade de fazer e construir. Por poder assistir e estar participando da edificação de uma profissão reconhecida. Por estar deixando para esses

jovens um exemplo sincero de que, com amor, perseverança, boa vontade e altruísmo podemos criar um mundo melhor. Amo minha profissão. Às vezes penso que, se escolhesse outra, não seria feliz. Nasci para ser Profissional de Educação Física.

Como você vê o seu Conselho Profissional?

O Sistema CONFEF/CREFs traz em seu bojo uma profissão legalizada, incentivando os atletas que pretendem trabalhar com esportes ou atividades físicas a cursarem a faculdade. É um enorme avanço social.

Um futuro em construção

A experiência de atleta unida à formação em Educação Física deu às Técnicas de Ginástica Keli Kitaura (CREF 007782-G/PR) e Soraya Carvalho (CREF 001171-P/DF), ambas da Confederação Brasileira de Ginástica, um céu de brigadeiro para desenvolverem o seu trabalho. Para elas, a importância da Confederação exigir Profissional de Educação Física para atuar como treinador já foi bem divulgada pelo CONFEF desde a regulamentação. Após treinarem entre 10 e 12 anos e se formarem em Educação Física, elas têm total consciência da importância da prática aliada à teoria.

“Antigamente uma pessoa que era atleta podia dar aula. Tínhamos a prática e, após a formação em Educação Física, conhecemos a teoria. Estamos bem preparadas para atender os atletas e ministrar com segurança a iniciação neste esporte que tanto amamos. Sem falar as diferenças entre ser técnica e atleta, muitas outras questões são envolvidas: Psicologia, saber lidar com crianças, saber aplicar a teoria na prática”, explicam. Sobre a escolha pela Educação Física, Keli e Soraya têm explicações diferentes. A primeira sentiu-se atraída pela ginástica, treinou anos e hoje trabalha com o que gosta. A outra foi influenciada pelo pai, que é Prof. de Educação Física e desde pequena já sabia o que queria.

Sobre a diferença de se ter conhecimentos científicos, responsabilidade e ética para

trabalhar com atletas, elas dizem que, por exemplo, aprenderam na faculdade que a criança não tem só a área motora, não basta treinar. “O Profissional tem que saber que existe uma parte motora, outra afetiva, uma cognitiva e que uma interfere na outra. Ter didática. Isto influencia no treinamento. Saber lidar com cada uma das meninas. Às vezes uma se joga, é preciso gritar, outras ficam magoadas. É diferente”, explicam.



Keli e Soraya comemoram o atual momento da Ginástica Olímpica e se propõem a manter e desenvolver o trabalho que vêm fazendo. Elas enfatizam o trabalho de divulgação e de desenvolvimento, feito há muitos anos pela Confederação. No ponto de vista delas, após o surgimento destes primeiros frutos o número de centros de treinamento vai aumentar, principalmente nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste. Para elas, a construção de pequenos pólos de Ginástica vai massificar o esporte e o Brasil terá resultados excepcionais.

A modalidade Ginástica Olímpica tem essa designação no Brasil. A Federação Internacional designa essa modalidade de Artistic Gymnastic, em inglês e Artistique Ginastique, em francês.

“Ainda mais agora com a escola ucraniana, que todos os técnicos querem seguir”, acredita Soraya.

Indagadas sobre a diferença da escola ucraniana para a escola brasileira, elas respondem: “Nós não temos escola. Até hoje pegamos um pouco da escola cubana, da russa e da dos Estados Unidos. Nós importávamos este tipo de treinador. A Ginástica nunca foi colocada da forma como é hoje. Foi feito um trabalho desde as turmas de base até as turmas de alto nível. A escola inteira foi colocada aqui”, contam.

Outros centros vão ser construídos e isto vai motivar mais pessoas a desenvolverem e

participarem deste trabalho. A confederação tem todos os treinadores Profissionais de Educação Física. “A partir do momento que formamos estamos assimilando desde a base para trabalhar com movimentos básicos, passando pela escolinha até o alto nível”, afirma Soraya. “E, com certeza, uma qualidade a ser aplicada nesses centros é o mercado de trabalho. Ganha a criança, pois é orientada por profissional qualificado; ganha a Ginástica Olímpica, pois aumenta o número de participantes e ganha o Profissional de Educação Física com a maior oferta de trabalho. É a contribuição da Confederação ao desemprego zero através da democratização do esporte”, encerra Keli.

Atletas no RUMO CERTO

Atualmente, oito atletas de Ginástica estão cursando Educação Física. São eles: Coral Borba, Daiane dos Santos, Daniele Hypólito, Camila Comim, Caroline Molinari, Mosah Rodrigues, Rogério Pereira e Michel Conceição. A Revista E.F. teve oportunidade de realizar uma entrevista coletiva com eles. Perguntados sobre o que os motivou a escolher a graduação em Educação Física, a maioria respondeu que, já que estavam no meio da carreira como atletas, era interessante continuar no mesmo caminho. O reconhecimento da Profissão pela sociedade, as perspectivas para o futuro, o aumento do leque de ofertas de trabalho e o estímulo de fazer o que gosta com o exercício profissional foram outras respostas dos atletas. “Mesmo que eu não fosse ginasta, faria Educação Física porque tem tudo a ver comigo. Quero trabalhar com crianças especiais. Poucos lugares no Brasil realizam este trabalho”, conta Daiane dos Santos.

Sobre a contribuição do curso de Educação Física para o treinamento, os atletas disseram que é a compreensão da parte técnica e pedagógica. Eles foram unânimes em afirmar que os conhecimentos adquiridos na faculdade podem perceber e compreender melhor os motivos de cada movimento. “Não adianta só mandar fazer e repetir os exercícios. É necessário saber porque fazer. Tem que saber dos resultados possíveis, dos danos que podem ser causados e as precauções a serem tomadas. Tudo isso a



gente adquire na faculdade”. “Compreendo agora porque não basta apenas saber a seqüência dos movimentos para ensinar. Precisamos conhecer muito mais, ter preparo científico e pedagógico. O atleta é uma coisa, treinador é outra”, afirmaram os atletas. “A graduação permite que o treinador tenha os conhecimentos necessários para desenvolver um trabalho específico para cada atleta e, caso ocorra algum problema, o treinador saberá como proceder”, finaliza Caroline Molinari.

A respeito do futuro, cada um tem o seu motivo para justificar a escolha pela Educação Física. Daiane dos Santos deseja desenvolver um trabalho com crianças portadoras de Síndrome de Down; Daniele Hypólito pretende atuar como empresária e abrir sua própria academia; Camila Comim gosta de liderar e quer continuar estudando e dirigir a Confederação de Ginástica; Mosah Rodrigues planeja atuar na Ginástica Olímpica e almeja também ser dirigente esportivo; Coral Borba pensa em continuar aperfeiçoando os conhecimentos com os treinadores ucranianos e atuar como técnica de Ginástica Olímpica; Caroline Molinari deseja atuar na parte educacional; Rogério Pereira quer atuar na área da saúde, fazendo interface com turismo e recreação; e Michel Conceição pretende atuar na modalidade e nos demais mercados da Educação Física.

Os atletas acreditam que a Ginástica Olímpica tem um futuro promissor no Brasil. Eles dizem que a fase crítica já passou e que os próximos atletas vão colher os frutos do trabalho que fazem hoje. Eles apontam que antes poucos sabiam o que era Ginástica Olímpica, hoje, a maioria já sabe que a modalidade existe.

Os atletas já sabiam que a Profissão era regulamentada antes mesmo de ingressarem na graduação. Sobre a obrigatoriedade de ser Profissional de Educação Física para dirigir o esporte, eles foram unânimes em concordar que a lei 9.696/98 contribui para o crescimento da Ginástica Olímpica no Brasil. “Ninguém pode ser médico, advogado ou engenheiro, por exemplo, sem formação. A Educação Física é igual. Para atuar nesta profissão tem que ter a formação”. “É fundamental a pessoa ser especializada naquilo que se propõe a fazer”. “A decisão de obrigar o Profissional de Educação Física a ter formação é correta. Não é qualquer pessoa que pode dar treinamento, pois é uma coisa séria. A pessoa tem que estar preparada”, foram algumas das respostas. “É preciso ter experiência no ginásio, porém a graduação é fundamental”, afirma Daiane dos Santos.

Indagados sobre o motivo de poucas pessoas saberem que eles estão estudando Educação Física, os atletas responderam que é porque possivelmente a mídia não dá muito valor a esse tipo de informação e está mais em busca dos resultados. “Talvez porque nós mesmos não falemos muito a esse respeito. Estamos mais em evidência e preocupados com nosso desempenho.” “Possivelmente, também, porque a Confederação não noticie o fato. Não que estejamos escondendo, pois nos orgulhamos de estarmos estudando, preparando-nos para o futuro. É que a prioridade agora não é a graduação.” “Valeu essa conversa, pois passaremos a dar ênfase, também, na divulgação do que estamos escolhendo para nosso futuro. Afinal, devemos fazê-lo enquanto estamos em evidência, o que é um período muito curto”, encerram a conversa, concordando.

A Ginástica conquista medalhas. A sociedade conquista segurança.

A decisão tomada pela Confederação Brasileira de Ginástica é uma prova de que a categoria e a população entendem as diretrizes que o Sistema CONFEF/CREFs vem apresentando à sociedade.

Exercite sua cidadania. Exija Profissional registrado.



Luisa Parente

Sinônimo de Ginástica Brasileira



O nome de Luisa Parente está ligado à história da Ginástica Olímpica brasileira. Atualmente trabalhando em duas áreas de formação, Educação Física e Direito, ela acompanha o sucesso de suas colegas. Ela é supervisora dos Centros Luisa Parente - Imagynação, em escolas no Rio de Janeiro e também é chefe de Gabinete da Deputada Georgette Viddor, sua ex-treinadora, prestando assessoria jurídico parlamentar.

Como você vê as atuais conquistas da Ginástica Brasileira?

Em especial as das duas melhores ginastas brasileiras, Daniele Hypólito e Daiane dos Santos, representam a evolução da modalidade como um todo. Isto é, técnica, administrativa, financeira e também sob o aspecto político, nacional, perante o COB e COI, perante a FIG (Federação Internacional de Ginástica) e outros.

Tivemos uma melhoria do centro de treinamento e mais condições para intercâmbios técnicos. Além da intervenção dos treinadores estrangeiros; mais recursos financeiros, seja dos patrocinadores, seja do poder público; mais atenção dos dirigentes políticos no “filão” que é o esporte e, como não poderia deixar de citar, a sorte da descoberta destes dois e de outros talentos.

Qual foi o momento mais importante da sua carreira?

O mais importante e de maior repercussão foi o Pan de Cuba, em 1991. Foram as duas medalhas de ouro no salto e nas barras. Entretanto, o mais importante e o mais emocionante foi a classificação entre as 36 finalistas nas Olimpíadas de Seul-1988.

Existe algum fato que poderia ser classificado como “divisor de águas” na ginástica no Brasil?

Sim, a dedicação incansável e obstinada daquela profissional que treinou as melhores ginastas do Brasil e que esteve em três Olimpíadas, despontando o Brasil para o mundo que passou a ver o Brasil com outros olhos e muito mais

respeito. Por seu trabalho sério e pela sua luta por melhores condições e estrutura para a ginástica. Sua história assim como a de seu clube, o Flamengo, se confunde com a própria história da ginástica brasileira. Este divisor de águas chama-se Georgette Vidor.

Você continua envolvida com o esporte?

Escrevo uma coluna semanal, toda terça-feira, no Jornal do Sports. Infelizmente, pela falta de profissionalismo da minha modalidade, não continuei com a carreira de arbitragem, na qual me mantinha mais ligada ao alto rendimento. Mas sigo acompanhando a ginástica e o esporte sempre, não só por interesse pessoal, mas também como membro da Comissão Nacional de Atletas e da Comissão de combate ao doping, ambas vinculadas ao ministério do Esporte.

Você planeja voltar ao esporte profissional?

Hoje em dia já não descarto a possibilidade de trabalhar com o alto rendimento, pois já tenho minha família, que era minha prioridade e opção de vida. Mas agora poderia pensar sobre o assunto. Também gosto da função de árbitro, mas isto só é possível com o maior profissionalismo da gestão esportiva e do próprio esporte.

Qual a sua opinião sobre a determinação da Confederação de só aceitar técnicos registrados no Sistema CONFEF/CREFs?

Acho que nada mais é do que o cumprimento da lei. Eu entendo que hoje temos uma profissão regulamentada e que todos os profissionais devem ser registrados sob pena de sanções legais. E, uma vez registrados, estão os mesmos

submetidos ao código de ética, principal conjunto de valores norteadores dos profissionais.

Qual a principal contribuição do Profissional da Educação Física no desenvolvimento da modalidade?

Qualidade e segurança. O profissional que ama a profissão se atualiza, é cuidadoso e primoroso naquilo que faz. No caso da ginástica ele pode contribuir com todas essas qualidades e conseqüentemente conquistar mais resultados. Mas para que isso aconteça, ele precisa de oportunidade. O mercado precisa estar aberto. Quem é responsável pela modalidade tem que se preocupar não só com os atletas, mas também com os seus técnicos.

A segurança contempla, a meu ver, a pesquisa científica, que considero ser o braço direito da evolução de qualquer modalidade esportiva.

Em sua opinião, como a atuação política pode contribuir para o desenvolvimento do esporte?

Justamente no aspecto profissional. O esporte e a profissão de Educação Física são hoje um dos mercados mais importantes para a sociedade, da iniciação esportiva ao alto rendimento. A política executiva, a política pública, enquanto conjunto de normas reguladoras, a política

administrativa da entidade, de prática e diretiva devem estar todas calcadas numa gestão democrática e visando a evolução e maior abrangência do esporte.

O que falta para a Ginástica obter mais sucesso ainda?

Falta uma consolidação dos resultados e uma perspectiva de ampliação dos mesmos ao longo dos anos vindouros. Para que isso aconteça é preciso que a ginástica “chegue e saia” de todos os cantos do Brasil.

Para o próximo objetivo que são as Olimpíadas torço para que a equipe se classifique entre as oito primeiras equipes e que possamos trazer a primeira medalha olímpica da modalidade. Olhando mais à frente não me arrisco em dizer muito, pois desconheço o planejamento da Confederação.

O que você diria para um jovem atleta que pretende ingressar na Ginástica?

Para quem quer seguir carreira, que antes de tudo se pergunte se ama esta modalidade. Se ama, é preciso treinar, competir, viajar, recomeçar e enfrentar desafios. Se a prioridade deste atleta for realmente a Ginástica, o que ele precisa é só de treinar muito e confiar sempre em Deus.



Marco Antonio Rezende/COB-Divulgação